

# Du levande / 2007

*Tu, que Vives*

um filme de Roy Andersson

**Realização e Argumento:** Roy Andersson / **Direcção de Fotografia (35mm, cor):** Gustav Danielsson / **Montagem:** Anna Märta Waern / **Música:** Benny Andersson / **Figurinos:** Sofia Frykstam / **Som:** Jan Alvermark, Felix Aneer / **Efeitos Especiais:** Christian Niklasson / **Interpretação:** Elisabeth Helander (Mia), Jörgen Nohall (Uffe), Jan Wikbladh (o fã), Björn Englund (o tocador de tuba), Birgitta Persson, Lennart Eriksson, Jessika Lundberg, Eric Bäckman, etc.

**Produção:** Roy Andersson Filmproduktion, Thermidor Filmproduktion, Parisienne de Production, Posthus Teatret, 4 ½, Stylejam, SVT, Arte France Cinéma, WDR / **Produtor:** Roy Andersson, Pernilla Sandström / **Cópia:** digital, colorida, 95 minutos, versão original falada em sueco com legendas em português / **Estreia mundial:** 24 de maio de 2007 (Festival de Cannes) / **Estreia em Portugal:** 13 de janeiro de 2011 / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

---

*Tu, que Vives é sobre o Homem - grandeza e miséria, alegria e tristeza, autoconfiança e ansiedade: rimos desse Homem mas também o choramos. É apenas uma comédia trágica ou uma tragédia cómica sobre nós próprios.*  
Roy Andersson

Não se pode dizer, com base na epígrafe acima, que Andersson não tenha uma ideia muito clara sobre a ambição metafísica do seu projecto de cinema. Com um misto de arrogância e de ingenuidade, esta auto-descrição acaba por ser uma certa forma de dar conta da ambição totalitária e abstratizante da sua obra (e eventualmente dos seus limites, já que acaba por ser sobretudo um cinema ao serviço de ideias gerais mais do que sobre coisas concretas - sejam elas personagens ou paisagens, sentimentos ou acções).

Como tem sido referido noutras "folhas" desta retrospectiva, a experiência da ambiciosa Trilogia dos Vivos (de que **Tu, que Vives** é o segundo tomo) serviu a Roy Andersson para voltar à ribalta cinematográfica depois de um afastamento voluntário que durou mais de duas décadas e em que se dedicou, com bastante sucesso aliás, a aplicar o seu apurado sentido visual à realização de publicidade televisiva. O entusiasmo que acolhera o anterior "**Canções do Segundo Andar**" não esmoreceu com a estreia em Cannes de **Tu, que Vives**, antes pelo contrário, e a fama de Andersson como um cineasta visionário capaz de dar uma expressão singular às grandes inquietações da humanidade ganhou ainda mais força (se Cannes esteve na origem do culto anderssoniano, o Festival de Veneza encarregou-se da sua consagração oficial como um dos grande autores do cinema europeu contemporâneo através dos prémios sucessivos dados a **Um Pombo Pousou num Ramo a Reflectir na Existência**, que fecha a Trilogia e que veremos amanhã a encerrar o Ciclo, e ao mais recente **Da Eternidade**).

Repetindo aqui a mesma forma visual e estrutura narrativa, composta por uma sucessão de *quadros vivos* que contam várias histórias (em paralelo ou cruzando-se pontualmente) sem se

submeter aos procedimentos tradicionais do *storytelling*, que já tinha usado em "**Canções do Segundo Andar**", Andersson quis fazer justiça a dois conceitos centrais da sua ideia de cinema. O primeiro é o de "trivialismo", termo que Andersson prefere às frequentes descrições dos seus cuidados e insólitos *tableaux* como hiperrealistas ou surrealistas. Por "trivialismo", entende-se a dedicada atenção dos seus filmes à vida do homem comum e aos pequenos dramas do seu quotidiano. Embora muitas das situações representadas nos seus filmes sejam muito pouco comuns percebe-se que o que (co)move Andersson é uma certa banalidade prosaica da vida, seja em sociedade seja na esfera íntima. O segundo conceito importante para Andersson é o de "imagem complexa", com isto querendo justificar uma estética ancorada no plano fixo, em enquadramento frontal e prolongado no tempo, o qual podemos observar como se estivéssemos perante uma pintura (deixando o nosso olhar livre para nele ir descobrindo cada elemento até ao limite da profundidade de campo) e a que poderemos regressar sem nunca nos cansarmos (numa entrevista sobre "**Canções do Segundo Andar**", Andersson referiu que o seu grande desejo era fazer um filme em que todos os planos fossem memoráveis e tão ricos como a melhor pintura pode ser).

A aplicada construção de **Tu, que Vives** serve o mesmo objectivo. Desde o primeiro quadro com o homem que acorda sobressaltado pelo pesadelo da chegada dos bombardeiros, introduzindo uma lógica onírica que organizará todo o filme (ao ponto de não ser importante saber se estamos dentro de um sonho ou não), até ao plano final, com a aproximação dos aviões à cidade (porque será que nos lembrámos do início de **O Triunfo da Vontade** de Leni Riefenstahl?), cada imagem-quadro é o resultado de um meticuloso trabalho (de composição, iluminação, direcção de actores, cenografia, etc) em que absolutamente nenhum elemento é deixado ao acaso (na folha de "**Canções do Segundo Andar**" já tínhamos referido a importância do ambiente hipercontrolado do estúdio como componente essencial para a produção destas "visões").

Não há grande novidade em relação ao filme anterior, mas é bem verdade que mesmo para os menos aficionados, **Tu, que Vives** terá alguns dos mais impressionantes momentos do "catálogo de atracções" de Roy Andersson. Veja-se o *tour de force* da cena do sonho do casamento a bordo da casa-comboio (e a existência de um campo-contracampo nessa cena é uma tal raridade em toda a Trilogia que talvez encontre a sua única justificação na vontade de Andersson nos mostrar que não há qualquer truque digital, que o que estamos a ver é mesmo uma casa filmada em cima de um comboio em movimento). Noutro momento raro (um movimento de câmara!) somos brindados com uma nova demonstração de virtuosismo: no primeiro *travelling* da Trilogia, um *tracking shot* percorre todo o interior do restaurante com o *timing* da canção colectiva a ditar o princípio e o fim da acção). O típico humor negro e *deadpan* de Andersson também marca pontos num dos melhores *gags* da sua obra (a sequência do truque falhado da toalha de mesa), com o riso a extinguir-se quando percebemos duas enormes suásticas gravadas no tampo da mesa de jantar de uma atónita família da aristocracia sueca.

Colocando-nos perante uma extensíssima galeria de personagens avulsas que expiam uma qualquer culpa colectiva (tal como os flagelantes engravatados de "**Canções do Segundo Andar**"), os filmes de Andersson são a expressão cinematográfica do sentimento (humano, demasiado humano) de aproximação do dia do juízo final (o dilúvio que se abate sobre a cidade em vários dos quadros/sequências de **Tu, que Vives** tem claras conotações bíblicas). Perante o fim, o sentido de patético de Andersson (à beira da misantropia, ou para alguns, menos adeptos do seu *freak show* habitual, completamente ensopado nela), é talvez a melhor resposta possível.